

“O Tempo e a Memória”

O general e o bastonário

por Mário Soares

1. Na última semana houve dois alertas fortíssimos contra a corrupção que está a corroer a sociedade portuguesa e o prestígio do Estado: o do general Garcia Leandro que disse sentir crescer uma grande indignação popular contra casos sucessivos de corrupção, que são conhecidos, murmurados, insinuados, mas não investigados, a ponto de temer uma explosão incontrolada da ira popular; e o do novo bastonário da Ordem dos Advogados, dr. Marinho Pinto, que disse conhecer casos de tráfico de influência escandalosos e negócios suspeitos entre políticos, de sucessivos governos, empresas e empresários que actuam em Portugal. Trata-se de benesses e de concessão de favores que são “recompensados”, depois, por chorudos lugares de gestão nessas mesmas empresas. E de negócios e empreendimentos milionários que implicam favores do Estado e concessões das autarquias, que se sobrepõem às regras públicas do ordenamento do território com o pretexto de Potencial Interesse Nacional (PIN).

O grave é que tudo se passe na maior impunidade, sem que as instituições do Ministério Público, policiais e de controlo investiguem os rumores que circulam ou, se o fazem, as investigações não são divulgadas para terem, ao menos, a consequente sanção moral. A comunicação social às vezes fala e escreve. Mas como não há resposta o silêncio é suposto fazer esquecer. Será assim?

Por outro lado, a Justiça é lenta, muito lenta, e dá a sensação de ser inconclusiva e de não actuar com a celeridade necessária nessas matérias “delicadas”. Os exemplos saltam à vista: desde o julgamento do processo “Casa Pia”, que se eterniza, ao “Apito dourado”, aos processos abertos contra autarcas e a tantos outros. São exemplos, extremamente mediatizados, mas como parecem ser inconclusivos, só servem para desacreditar a eficácia da Justiça.

A investigação pela Polícia Judiciária do caso Madeleine Mc Cann, que emocionou o país e foi tão divulgada no estrangeiro, sobretudo no Reino Unido, é outro exemplo que não coloca bem Portugal. É sabido, pela experiência alheia, que uma tal investigação não é nada fácil. Mas a Polícia Judiciária, por isso mesmo, deveria ter-se resguardado mais da curiosidade insaciável dos media, e não ter referido tantas pistas e contra-pistas, chegando a declarar arguidos os pais da infeliz menina. Para quê, se não tinham provas? Para agora o director da Polícia Judiciária, Alípio Ribeiro, reconhecer que a organização que dirige “agiu por forma precipitada”. Houve, com efeito, demasiadas declarações precipitadas, incluindo talvez a dele...

O caso do BCP, de contornos ainda não totalmente claros, ocupou muitas páginas da imprensa e muitas horas das rádios e das televisões. Tornou-se um escândalo inimaginável, que atingiu, infelizmente, o sistema bancário e contribuiu imenso para alimentar o ambiente deletério – e de desconfiança – em que vive a sociedade portuguesa. Ora, ao que parece, não vai parar. Outros se seguirão, ao que consta...

Portugal, contudo, não é caso único. A nossa vizinha Espanha, a França, a Itália, a Alemanha e os Estados Unidos sofrem de males parecidos e, naturalmente, de maior dimensão. A crise financeira internacional declarada e a situação em que nos encontramos, à espera de que a recessão económica americana se reflecta, muito negativamente, na União Europeia, são muito preocupantes. Os próprios países emergentes não vão escapar – isso já se pode ver – na morosidade económica que se manifesta na China e na Índia e no próprio Japão. A culpa é do sistema neo-liberal, que está esgotado, como em múltiplos artigos – e entrevistas – tenho vindo a advertir os portugueses mais distraídos... Só passarão, quando e se os Estados Unidos, após as próximas eleições presidenciais, mudarem radicalmente de política.

O ano 2008 não vai ser fácil. Nem para a Europa nem, consequentemente, para Portugal. Não são de esperar grandes melhorias. Não dependem de nós. Mas o que está na nossa mão, é evitar que as desigualdades sociais se agravem e que o Estado se mostre implacável relativamente aos mais desfavorecidos e dê a impressão de ser complacente perante os “grandes interesses” e o “centrão dos interesses”, que alimentam as negociatas e, às vezes, as roubalheiras...

2. A decepção Sarkozy. Bastaram seis meses para que os franceses, com o seu racionalismo cartesiano, percebessem que o errático, irrequieto e imprevisível Nicolas Sarkozy tem muitas probabilidades de ser um desastre para a França. Já há franceses que dizem: "Chirac, volta que estás perdoado"... Em seis meses, o homem e o estilo não mereceram o respeito dos franceses e foram rejeitados. Como as sondagens de popularidade demonstram: passou de 63% para 41%! Será recuperável tão grande queda? É pouco provável. Por outro lado, o exibicionismo, que tanto lhe agrada, das suas sucessivas mulheres – de Cecília a Carla – é insólito num Chefe de Estado, e, por outro, a incapacidade de cumprir as promessas eleitorais, nomeadamente quanto ao custo de vida, explicam que perdesse, tão rapidamente, o respeito dos franceses e o "estado de graça". O descontentamento crescente da Direita, que se sente enganada, e as próximas eleições municipais, com os socialistas bem posicionados para as ganhar, farão o resto... Mas – acrescente-se - o desprestígio de Sarkozy não é nada bom para a União Europeia, por muito pouca simpatia que o personagem nos mereça.

Lisboa, 12 de Fevereiro de 2008